

LEITORES HÍBRIDOS E GULOSOS: POR UMA LEITURA ARTICULADA E NUTRITIVA

Daniela Bunn¹

Comer, pouco ou muito, é uma necessidade. Atualmente, os jogos de linguagens propostos pelos escritores atualizam cada vez mais a inserção do alimento no texto - é algo muito próximo da criança e do adulto, pois faz parte do cotidiano. A partir de alguns livros, procurei mostrar como pode ser nutritivo e divertido saborear textos que trabalhem com imagens alimentares - fragmentos que podem atíçar a fome e o olhar de um leitor guloso.

Encontrei na imagem alimentar (uso o termo imagem a partir das propostas de Deleuze e Guattari (1977), pois as imagens agem e reagem formando cadeias de significados) uma potência da experiência que tira o alimento de seu lugar comum - da mesa, da boca - e o restitui por meio de um jogo de palavras ao texto literário. O alimento pode servir como isca para o leitor, pois muitas vezes, o livro, que deveria ser apresentado de forma suculenta à criança, é dado como um requentado e duro bife servido somente no livro didático. Um cardápio supostamente nutritivo que alimenta alunos de português diariamente, preparado por professores (que comeram os mesmos pratos) e têm dificuldade de inovar na cozinha.

Em *Geografia da Fome* (1946), Josué de Castro afirmou que a fome não é um problema natural, é recorrência das opções e ações humanas. Com o objetivo de analisar o fenômeno da fome coletiva como endemia, Castro acenou dois tipos de fome: a *fome total* - da verdadeira inanição e a *fome parcial*, chamada de fome oculta, “na qual pela falta permanente de determinados elementos nutritivos, em seus regimes habituais, grupos inteiros de populações se deixam morrer lentamente de fome, apesar de comerem todos os dias” - fato muito comum nas escolas em relação ao texto literário.

Bordini e Aguiar em *Literatura: a formação do leitor* (1988) trabalham os interesses do leitor na escolha do texto literário como ponto fundamental para a aquisição do gosto pela leitura. Além disso, é necessária a provocação de novos interesses, a fim de aguçar o senso crítico e a preservação do caráter lúdico do jogo literário. O lúdico é indispensável na relação entre leitor e obra literária, pois precede e facilita a “desconstrução do conhecimento”, estimula a percepção e atua nas

¹ Unoversidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

descobertas, nas relações a serem estabelecidas e nas funções a serem conhecidas. As autoras explicam que as circunstâncias que provocaram o aparecimento da Literatura Infantil passam pela ascensão da burguesia durante o século XVIII, que resultaram na nova ordem social e cultural. Passou-se a investir na educação para preparar o sujeito para exercer seu trabalho com mais eficiência, a infância tornou-se o centro das atenções, surgiram as versões impressas das histórias coletadas por La Fontaine, Fenelon e Charles Perrault. No Brasil, a edição desses livros deu-se no século XIX, com traduções e adaptações dos clássicos.

Segundo a pesquisadora espanhola Teresa Colomer, em *A formação do leitor literário* (2003), a partir do século XVIII os livros para crianças começaram a se tornar um fenômeno cultural e tornaram-se objeto de pesquisa após a Segunda Guerra. A literatura modernizou-se para se adequar ao pequeno leitor e à sua competência literária que também sofreu alterações. Segundo Colomer a necessidade de estabelecer critérios para selecionar os livros que se deviam oferecer às crianças provocou os primeiros estudos sobre literatura infantil e juvenil.

Mais de 80 títulos foram escolhidos para compor as análises a partir de critérios de seleção como texto (a recorrência em maior ou menor escala do alimento, tipologia textual, leitura literária ou texto com intenções pedagogizantes), ilustração (o alimento ou o ato de comer/devorar) e aspectos gráficos (correção gramatical, tamanho de letra, tipo de letra cursiva, caixa alta, cores, texturas, formatos, elementos diferenciais, número de páginas). Neste texto destacarei apenas algumas ocorrências tanto no texto como na imagem a partir de três elementos: uma ocorrência estética, uma familiar e uma pedagógica.

Luís Camargo em “Para que serve um livro com ilustrações?” (apud Jacoby, 2003: 273), indaga que os textos híbridos como se mostram hoje, exigem um leitor também articulado e híbrido, capaz de ler palavras e imagens. Para o ilustrador a imagem é um prolongamento do texto, acompanha-o, porém não é sua tradução. Camargo nos orienta ainda sobre diferentes tipos de interação: o texto como imagem (enunciação gráfica), a imagem como texto, as imagens do texto (visualidade e visualização) e o diálogo entre texto e ilustração, dividindo assim o livro em três tipos: livros de imagens (nome proposto por Ricardo Azevedo); livros em que a textualidade é híbrida (verbo-visual) e livros em que a textualidade é predominantemente verbal (as ilustrações acompanham o texto).

Atenho-me nos dois primeiros tipos e estabeleço algumas categorias em relação a presença do alimento no texto literário e nas ilustrações, como já acenado: como forma de devoração cultural (estética), como destaque para uma estrutura familiar e como função pedagógica (ora implícita, ora explícita), categorias que aparecem ora mescladas.

No bloco da devoração cultural, enredos mágicos subvertem a lógica, pois alimentos falam, sofrem metamorfose, discutem sobre o ato de comer, devorar e ganham vida. Jonas Ribeiro que estreou com o livro *Gestante da Fantasia*, apresenta uma forte recorrência da imagem alimentar em sua obra e nos oferece em *Poesias de dar água na boca* (1999), com ilustrações de André Neves, um cardápio poético para a semana inteira, desde comida japonesa até uma sobremesa mineira, passando pela Vila da Comilança e pela Escola Água na Boca. Em "Coração guloso", uma parte do corpo, a barriga, ganha voz e conversa com seu dono. No poema "Comidinha caseira" o autor lança a imagem da satisfação em comer pizzas, batatas fritas, sorvetes e *ketchup* que fazem a "gente engordar até estourar" e depois desconstrói o argumento falando dos regimes, das dietas e da comidinha caseira leve e saudável. Aspecto que comprova a proposta de mescla de algumas categorias.

José Paulo Paes, em *A revolta das palavras* (1999) abre o livro falando sobre os personagens que são palavras. A história acontece nas páginas de um dicionário e, segundo ele "o dicionário é uma espécie de pomar. Só que as suas árvores, em vez de serem árvores de frutas, são árvores de palavras": abacate, banana, caqui e a saga das palavras quando resolveram se revoltar por serem usadas de maneira errada pelas pessoas, revolta que durou apenas um dia.

Em *Pomar de Palavras* (2008), de Alcides Buss, escritor catarinense, apresenta poemas como "Sabor de amar", "Diferentes mangas", "Colheitas futuras", com rimas que falam de frutas, palavras, fome e sentimentos. Como não se deliciar com "O saber da ameixa": "o bom da ameixa/ é o doce-azedinho/ na língua da gente./ o bom da ameixa/ é o ix de seu nome,/ sem o qual se ouve:/ ame-a, ame-a! (...)". Neste pomar da língua o saber e o sabor voltam a estar no mesmo patamar de comparação e poemas nutritivos, com ilustrações apetitosas mesclam-se aos livros que denominei como atrativos ao leitor, livros com formato de queijo ou bolacha, como *Bolacha Maria: cheiros e gostos da infância* (2005), de Carlos Urbim. O livro é redondo, no formato de uma bolacha Maria com textura áspera.

Ricardo da Cunha Lima, em *Cambalhota* (2003), apresenta “O bruxo Malaquias e bolo de aniversário”, no qual o bruxo, por um passe de mágica, dá vida aos quitutes da festa. Essa metamorfose alimentar, dada pela varinha do mágico, concedeu aos doces, sucos e gelatinas a capacidade de falar e cantar os parabéns para o aniversariante. Em “O bicho-papão”, poema ambientado em um hipermercado, o personagem descobre um fato surreal: o carrinho comia todas as suas compras e coloca nos pais do carrinho a culpa de tal ato: “Ele comia demais,/ Mas a culpa era dos pais/ Do carrinho comilão/ Pois foi deles que partiu/ Esta recomendação (...)”. “Culinária estapafúrdia” apresenta um moderno restaurante, bem ao modo surreal, em estado de fantasia e estranhamento, que resolve fazer uma festival de *esquisitas iguarias* com “exóticas comidas,/ lançamentos diferentes,/ invenções futuristas, / descobertas mais recentes.”. O restaurante divide os pratos por tipos de consumidores, para os vegetarianos sugere almôndega de ervilha (“era muito estranha a cor,/ já o sabor, que maravilha!”), para os que adoram sobremesa, brigadeiros de cebola e compota de tocinho, fios sintéticos de ovos, para outros, mangas roxas, brancas e azuis, filés fosforescentes. De uma cozinha futurista, passamos a uma dieta bem balanceada.

Ferreira Gullar no poema “A Jia e a Jibóia”, conta a história de um sapo (ou uma *sapa*) que se vendo a ponto de ser devorada pela jibóia, decide convencê-la do contrário. O campo semântico do alimento é vasto e envolve a gula, o comer, o devorar, matar a fome, a dieta, o apetite, o vegetarianismo, o engolir elementos que contrastam com o ato de persuasão que não tentaram outros personagens. O dado dietético-argumentativo do sapo apóia-se na idéia de que comer carne faz mal à saúde e alegando ainda que são parentes e quem mata seu semelhante ou mesmo seu *dessemelhante* recebe um castigo eterno, nas profundezas do inferno. Sendo o canibalismo o ato de comer seres de sua mesma espécie, o sapo usa como argumento a possibilidade de serem parentes, afinal *pega mal tia devorar sobrinha*. A cobra alegre que matar a fome é direito de todo ser vivo e retruca a pergunta ao sapo, afinal comer inseto é correto? O discurso sobre os vegetais, grãos e frutas, convence a cobra a mudar de dieta e tornar-se vegetariana. A fome e o ato de comer aqui marcam sua presença.

Estas imagens, apresentadas de forma diferenciada no texto infantil, abrem o mundo da degustação no imaginário da criança e estimulam o entendimento do ato da leitura como algo saboroso e marcam assim o que propus chamar de devoração cultural: não só o ato de comer, mas de absorver a noção de um livro gostoso, uma dieta balanceada, um sanduiche de um escritor ou letras suculentas num pomar de palavras.

Pensando nas relações familiares, uma segunda categoria, temos o livro de Simone Schapira Wajman, intitulado *O ovo e o vovô* (2001), com ilustrações de André Neves, que compara o vovô à frágil vida de um ovo, este elemento aparece como composição, pois toma conta de toda a cena e percorre o livro como eixo central: “por fora, parecia duro, como a casca do ovo, mas por dentro era mole, mole, como a clara e a gema.”; o vovô brilhava como a gema, dava beijo estrelado como ovo. A história acaba por discutir a questão da morte, pois o vovô, assim como a frágil casca do ovo, acaba quebrando.

Em outro poema, “A alface aérea”, Ricardo da Cunha Lima narra um fato *amalucado* (2007: 37), que “aconteceu no mês passado/ Uma alface bem verdinha,/ Já lavada pra salada/ E que estava repousada/ Sobre a mesa da cozinha,/ De repente se mexeu,/ Suas folhas agitou/ E a seguir se debateu,/ Bateu folhas e voou.” Embora no poema tenhamos o relato de um fato *amalucado*, uma alface que foge do prato para não ser devorada, a ilustração feita por Gian Calvi proporciona uma leitura paralela a de que na cozinha, o lugar é de mulheres. De um lado da página o fogão, a panela de pressão, utensílios de cozinha, um balcão com eletrodomésticos e a figura estereotipada da cozinheira gordinha usando avental, com um vestido até o joelho, um lenço amarrado na cabeça e uma colher de pau na mão. Na outra página, à mesa, três personagens femininas boquiabertas com o vôo da alface. As imagens deixam a entender que a questão do preparo do alimento está muito envolvida com o *feminino* e que as relações de poder ainda colocam a mulher na cozinha.

Muitos livros com intuito de repassar noções de higiene alimentar ou receitas nutritivas acabam quase sempre colocando a mulher na cozinha. O livro *Brinque-book com as crianças na cozinha* (2005), organizado pela editora, com acompanhamento de uma nutricionista, explora as *comidinhas caseiras*, mas apresenta uma variante. Aqui houve uma inversão, pois o diferencial está marcado na ilustração e não no texto. Não é um livro de literatura, trata-se de um livro educativo, com funções pedagógicas explícitas sobre receitas que tenta fazer com que a criança crie consciência do que está comendo. Porém, o que nos interessa aqui é aspecto familiar. Com o lema *cozinhar é divertido*, a autora apresenta o livro: “quem diz que cozinha é lugar de mulher não sabe que os mais famosos cozinheiros do mundo são homens”. O texto de Gilda de Aquino prepara a criança para que fique atenta aos cuidados com facas e com o fogo, com a limpeza das mãos e dos alimentos, com a organização e com os termos culinários -

ponto fundamental nesse livro são as ilustrações feitas por Estela Schauffert com massinha de modelar. Logo na capa já temos uma indicação do que vem pela frente: uma cozinha e quatro crianças diferenciadas pela cor da pele e do cabelo. Como o texto aconselha a presença de um adulto na hora de realizar as receitas, as crianças são acompanhadas por uma figura mais velha na cozinha.

Na sessão “Salgadinhos e entradas”, temos uma menina ruiva com seu pai usando chapéu de cozinheiro e avental. Inicialmente temos uma quebra, pois a menina está com o pai na cozinha e não com a mãe. No segundo momento, “Saladas e molhos”, servem-nos como guias a mãe e seu filho, ambos loiros de olhos azuis. Agora ao contrário, a mãe ensina o menino. No terceiro momento, “Pratos quentes”, uma figura que poderia ser tanto a mãe, como uma irmã ou uma tia, acompanha a menina. No quarto capítulo, “Sobremesas, bolos e biscoitos” a vovó que não poderia ficar de lado: uma senhora negra, cabelos brancos, usando óculos ajuda a netinha na cozinha (porque não um avô?). Em “Sucos e vitaminas”, apresentam-se pai e filho, ambos ruivos. Num jogo de espelhos, temos binários alternantes ora pai/filha, mãe/filho, irmã/irmã-mãe, avó/neta, pai/filho. O jogo entre masculino e feminino está bem dividido mostrando que cozinha é lugar de ambos, desde que seja feito com paciência e criatividade, como aconselha a autora. Cabe, porém ressaltar que neste caso não se trata de leitura literária e sim de um livro de receitas.

Dos dois exemplos apenas citados, em um a ilustração direciona o pensamento para a imagem da mulher na cozinha; no outro, a ilustração direciona para a quebra deste paradigma e coloca homens e meninos no fogão. Em muitas histórias ou poemas que usam a imagem do alimento ainda estão ligados com a figura tradicional da mãe (ou da empregada), mas a percepção dos escritores e ilustradores sobre a relação do alimento com a mulher vem acompanhando as mudanças, principalmente as familiares e tentam mostrar às crianças novos padrões familiares.

Já na terceira categoria, *A cesta da Dona Maricota* (2007), de Tatiana Belinky, apresenta um tom educativo, para o bem comer: cenoura, laranja, banana, mamão, espinafre, alface, maçã, escarola, todos frescos e maduros. Quando D. Maricota sai de cena, por estar cansada, os alimentos, “animados depois da viagem do supermercado até a casa”, contam suas vantagens alimentares, vitaminas, proteínas, ferro, cálcio. A história é narrada em forma de prosa-poética, de um lado da página, o texto aparece em branco e preto e no outro com partes da cena da página ao lado na qual as ilustrações

são coloridas. A ilustração demonstra alimentos e objetos da cozinha sorridentes e dançantes. Porém num corte brusco do texto surge Maricota: “Mas nisso aparece/ Dona Maricota,/ e as frutas gostosas/ Viraram... compota!”, ocorre uma quebra, pois nesse momento, nas duas páginas seguintes, na parte sem cor, é posto uma ilustração de utensílios de cozinha com um leve sorrisinho na boca ao lado do texto e, “os belos legumes,/ Em toda sua glória,/Viraram sopão!/ E acabou-se a história.”

Em *Expedito, o cozinheiro* (1999), Liliana Iacocca apresenta uma história que começa com a descoberta do fogo e vai até a mesa dos brasileiros apresentando imagens de vários pratos típicos, inclusive de outros países. A comida nesta história aparece com finalidade informativa, em seu sentido denotativo, apresentando conselhos, dicas, cuidados com a higiene e com o uso do fogo. Mesclando quadrinhos, onomatopéias, meio ambiente, cuidado com o lixo, tipos de pães, o preparo da comida, num jogo de “misturas e combinações” o livro termina de forma interativa. Do literário ao instrutivo, a comida é posta no texto.

Em *Saborosa viagem pelo Brasil* (2004), de Frei Betto e Maria Stella Libano Christo, João Limonada narra sua viagem pelos sabores começando pela descoberta do fogo nas aulas de culinária de dona Maria Benta, a criação de uma horta, hábitos alimentares, a arte de cozinhar – da hidroponia ao fogão, apresentando regras de como ser bom cozinheiro, além de um dicionário da cozinha, falando do pão e apresentando algumas receitas dando início à viagem pelos sabores do Brasil. Com o mesmo tema da viagem, *Viagens com tia Clara – aprendendo sobre nutrição* (2000) usa da história para passar conceitos sobre nutrição. As férias na fazenda já apresentam o cenário: regras da cozinha, história da alimentação, a mão na massa, o pão, o feijão, alimentação e esporte, a docelândia e um punhado de receitas. Fogo, pão e receitas marcam estas histórias.

Poemas e Comidinhas (2008) de Roseana Murray intercala poemas e receitas. A autora tem outros títulos inclusive premiados pela Fundação Nacional do Livro Infanto-Juvenil, como *Fruta no ponto* e *Receitas de olhar*. O livro apresenta poemas numa página e receitas na outra. O título das receitas agrega-se a um elemento marcante dos poemas. Por exemplo, o primeiro poema fala de cores e segue a receita “salada arco-íris”, sobre nuvens, “pudim de nuvens”, sonhos, “sonhos de maracujá”, o poema pastéis de vento, sobre mel “pão de mel”, sobre elfos, “risoto de flores” Alguns poemas fazem rizoma com histórias clássicas: em “Cesta de doces” Chapeuzinho com uma cesta cheia

de guloseimas é espreitada pelo lobo; “Bolo de fubá cremoso”, remete a Joãozinho e o pé de feijão e até D. Benta entram nos poemas.

Vale ressaltar que o termo *comidinha* como tantos outros no diminutivo é quase sempre usado em relação aos textos que se tentam passar alguma informação nutricional às crianças. Cecília Meireles, em 1951, em *Problemas da Literatura Infantil*, já acenava aos cuidados com a infantilização da escrita: “o que há de criança no adulto para poder se comunicar com a infância e o que há de adulto na criança para aceitar o que o adulto oferece” (p. 30).

Este texto complementa as indagações apresentadas na última edição desse evento, na qual analisei a presença do alimento na obra do italiano Gianni Rodari e neste, ampliei a análise para a produção brasileira contemporânea. As histórias se alimentam constantemente de outras histórias e tecem continuamente uma rede de (inter)textos, muitos baseados, porém nos antigos contos da tradição oral – resíduos que nos permitem ressignificar as imagens *visualizadas* em nosso imaginário. Como lembra Alberton (1980: 14), uma única condição é exigida pelo leitor infantil: “encontrar na obra a sua forma própria e peculiar de ver os seres e as coisas” seja com características surreais, estranhamentos, pelo fantástico, pelo *nonsense* ou por uma ilustração. Assim, a imagem alimentar no texto literário, pode funcionar como um elemento de sedução para atrair leitores gulosos e torná-los cada vez mais articulados e híbridos.

Referências

BORDINI, M. da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira. *Literatura a formação do leitor: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

BUNN, Daniela. O banquete literário oferecido por Gianni Rodari. In: *I Congresso Internacional de Literatura Infante-juvenil*, 2008, Porto Alegre. Anais do I Congresso (no prelo), 2008.

CAMARGO, L. Pra que serve um livro com ilustrações? In: JACOBY (Org.). *A Produção Cultural para a Criança*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003.

CASTRO, Josué de. *Geografia da fome*. Rio de Janeiro: Antares, 1980.

COLOMER, Teresa. *A formação do leitor literário*. SP: Global, 2003.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

RODARI, Gianni. *Gramática da Fantasia*. Trad. Antonio Negrini. São Paulo: Summus, 1982.

1 Reply July 07. Into Leitores BR? Join the community. Get Amino. Into Leitores BR? Join the community. Get App. More from pica pau fumante. Você se tornou uma pessoa melhor ou atÃ© diferente depois dos livros? June 28. pica pau fumante June 28. Leituras e Leitores. 1.5K likes. Um espaÃ§o para aqueles que curtem viajar para todos os lugares sem sair do lugar! Aqui o espaÃ§o Ã© nosso! Tenho resolvido alguns detalhes pendentes e meu tempo pra leitura foi tomado por caixas e embalagens. Logo tudo voltarÃ¡ ao normal. Enquanto isso, venho pedir uma forcinha pra vocÃªs. A filha de uma amiga fez um canal sobre maquiagem. Nada melhor do que a cultura e a beleza caminhando de mÃ£os dadas! ðŸ˜‰. Quem puder se inscrever, eu agradeÃ§o!!! Uma semana de luz, paz e vitÃ³rias para todos!!!!!! Um grande abraÃ§o! <https://m.youtube.com/channel/UCo-T-S7TdURhWHsTHRcWImA>. FolÃ¡culo â€¢ En los mamÃferos hembras, huevo inmaduro rodeado por cÃ©lulas nutritivas. FormaciÃ³n de patrones . En el desarrollo embrionario de los animales, organizaciÃ³n de tejidos diferenciados en estructuras especÃficas, como alas. FÃ³rmula estructural . RepresentaciÃ³n de las posiciones de los Ãtomos y enlaces en una molÃcula. Forrajero â€¢ Animal que ingiere los tejidos vegetativos de las plantas herbÃceas. FosfolÃpidos â€¢ Materiales celulares que contienen fÃ³sforo y que son solubles en solventes orgÃnicos.